



Michel Pierre Robert Musy Levinsphul

Advogado. OAB. Rio de Janeiro. 106922.

Especialista em Criminologia, psicanálise.

Negociação e Gestão de Conflito e Direito de Família.

Jornalista e inteligência policial

Psicanalista em ambiente militarizado

<https://psicanalistamichelmusy.webnode.page>

Analista em Ambiente socioeconómico e Segurança

Onde não há honra, o Estado é um espectro

31.01.2026

consultingstrategic.analysis@yahoo.com

WhatsApp: (55)(21) 976 27 38-38

www.linkedin.com/in/michel-pierre-musy

Onde não há honra, o Estado é um espectro

"Onde não há honra, não pode haver desonra." O adágio de Baltasar Gracián, escrito há séculos, ressoa hoje com uma urgência ensurdecadora. Recentemente, o Rio de Janeiro foi palco de uma operação policial sem precedentes, mobilizando mais de dois mil agentes. Entre o rastro de sangue e fumaça, um episódio saltou aos olhos: o caso do Delegado de Polícia Civil que, atingido por um tiro de fuzil, teve sua perna amputada.

O que estarrece não é apenas a violência, mas a quebra do código. O policial relatou que, na mata, emitiu o sinal de identificação próprio da corporação; do outro lado, o criminoso respondeu com a contra-senha correta. Como a inteligência estratégica de uma força de elite chega às mãos do inimigo? A resposta é o sintoma de uma ferida aberta: a traição institucional.

Houve relatos de agentes tentando se apoderar de armas apreendidas e de funcionários vazando informações privilegiadas ao crime organizado. Enquanto isso, o Estado anuncia, com pompa, helicópteros blindados, armamento israelense de última geração e a promessa de milhares de novos recrutas. Mas resta a pergunta: de que serve um fuzil de milhares de dólares nas mãos de um soldado que recebe um soldo miserável, mora em áreas controladas pelo tráfico e é desassistido pelo próprio governo que o envia para a guerra?

O policial é hoje um pária: odiado pela população, mal remunerado e privado de dignidade básica, como saúde e moradia. O Estado aposta no metal — armas e blindados — mas ignora a "inteligência psicanalítica social". Ignora que não se implanta um governo legal apenas com operações pontuais e estatísticas de apreensão. Pelo contrário, o governo atual sufoca o cidadão enquanto elites se beneficiam, mantendo o povo silenciado por auxílios que, embora necessários para a sobrevivência, por vezes mascaram a ausência de uma verdadeira política de honra calcada no trabalho e na educação.

"A verdadeira vitória contra o crime não virá pelo calibre das armas, mas pela restauração da honra institucional. A inteligência psicanalítica social nos revela que, enquanto o Estado se comporta como um invasor em seu próprio território — oprimindo a base e corrompendo-se no topo —, o vácuo de autoridade será preenchido pelo crime. Sem devolver ao cidadão e ao servidor a dignidade do trabalho e a segurança de pertencer a um governo legítimo, continuaremos a viver o paradoxo de Gracián: em um sistema onde a honra foi extinta, já não resta nem sequer a vergonha da desonra."

"A aplicação da **inteligência psicanalítica social** revela que o problema do Rio de Janeiro não é de falta de munição, mas de quebra de pertencimento. Na psicanálise, a autoridade só se estabelece quando há um pacto de confiança. Quando o Estado paga um soldo miserável a um policial e o obriga a morar no território dominado pelo inimigo, ele está criando uma **dissociação psíquica**: o agente porta o símbolo da lei (a farda), mas vive sob a realidade do crime.

Essa negligência estatal atua no inconsciente coletivo como uma mensagem de que a 'honra' é um peso, e não uma virtude. O Estado, ao se omitir na saúde, na

moradia e na dignidade, abdica de sua função de 'Pai da Lei'. O resultado é o que vemos: o policial e o cidadão perdem a referência moral, pois o governo legal se torna apenas um opressor que 'arroxa' o povo, enquanto as elites se encastelam. Sem esse acolhimento psíquico do indivíduo pelo Estado, a contrasenha do bandido na mata sempre terá mais eco do que o código de ética da farda."

Conclusão Integrada

"Conclui-se, portanto, que a segurança pública não se resolve com compras milionárias em Israel, mas com a cura da patologia social que nos assola. A inteligência psicanalítica nos ensina que onde o Estado não oferece dignidade, ele não pode cobrar lealdade. Enquanto o trabalho e o estudo não forem os únicos pilares da honorabilidade, e enquanto a 'ombridade' for trocada por assistencialismos que calam a voz da população, o adágio de Gracián continuará sendo nossa sentença: continuaremos vivendo em um vazio de honra, onde o crime não é o oposto da lei, mas apenas o seu espelho mais cruel."

Dr. Michel P.R Musy

Analista